

O FENÔMENO RELIGIOSO I

11 aula

META

Apresentar as estruturas elementares da vida religiosa.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá: compreender os conceitos de religião, rito, mito, magia.

PRÉ-REQUISITOS

Compreensão das aulas anteriores e leituras de apoio.



(Fonte: <http://www.str.com.br>).

Uma das áreas mais instigantes da pesquisa em Sociologia é aquela que se dedica aos fenômenos religiosos. Ao mesmo tempo, esta é uma das especialidades sociológicas em que encontramos mais controvérsias e, conseqüentemente, menos consensos.

INTRODUÇÃO

Entretanto, uma das poucas proposições que nos parece comum aos estudiosos do fenômeno religioso é aquela segundo a qual a experiência religiosa é parte inerente da experiência humana. Em outras palavras, em toda e qualquer civilização, do passado ou do presente, encontraremos a religião como segmento incontornável da vida social.

As investigações sociológicas já encontraram monoteísmos, politeísmos e até mesmo religiões sem divindades, ritos variados, uma infinidade de símbolos, tipos diferentes de sacerdócio, musicalidades sagradas as mais distintas, mas não se depararam, em nenhum momento, com uma sociedade sem religião.

A seguir, apresentaremos, minimamente, como a pesquisa sociológica tem abordado o fenômeno religioso, suas origens, o significado dos seus mitos, símbolos, ritos e os espaços sagrados.



(Fonte: <http://casinhadobob.files.wordpress.com>).

Muitos ainda pensam que o contato entre ciência e religião só pode resultar num jogo de soma zero, onde uma sairia sempre perdendo porque a outra se revelaria sempre vencedora. É como se não pudesse existir uma convivência pacífica entre ambas. Entretanto, a história dos estudos sociológicos sobre as religiões nos faz crer que a relação entre essas duas entidades tem sido esclarecedora para ambas as partes.

RELIGIÃO

ORIGEM DA RELIGIÃO

O modo mais comum de abordagem das religiões no âmbito da Sociologia tem sido aquele que não se preocupa em provar a existência ou inexistência de tal ou qual deus, mas as conseqüências sociais da idéia de existência desses deuses. O que tem interessado a esse tipo de pesquisa são as conseqüências sociais da idéia da existência dessas divindades. Assim, a questão que nos interessa não é a da (in) existência de Deus, mas das mais variadas repercussões desse tipo de crença na estruturação cotidiana das ações sociais. Dessa maneira, é a partir de suas manifestações exteriores, observadas na forma de ritos, símbolos, mitos, músicas e visões de mundo que a sociologia buscará a compreensão desse fenômeno.

Assim, antes de apresentarmos as características mesmas do fenômeno religioso, talvez seja importante fazer referências a uma das questões recorrentes na discussão sobre a religião – *as suas origens*.

Em relação à busca das origens, a comparação com a astrofísica pode nos ajudar a entender o que faz a Sociologia quando procuram a gênese das religiões. Sabemos que os cientistas que pesquisam a origem do universo só conseguem chegar até certo ponto. O Big-Bang, por exemplo. Mas, a grande explosão primordial não nos revela o “ponto zero” da matéria, pois basta perguntar: e antes da explosão, o que existia?

Quando a Sociologia discute a origem do fenômeno religioso em nenhum momento está tentando localizar o “ponto zero” deste fenômeno, mas sim as suas formas mais elementares. Aquelas que foram passíveis de algum tipo de observação e/ou registro empírico.

Desse modo, alguns teóricos afirmam, por exemplo, que a forma mais elementar de vida religiosa é o *totemismo*, um tipo de religião ainda existente e que tem como traço principal a atribuição de poderes sobrenaturais a determinados objetos, como plantas ou

animais. Em geral, a esses *totens* estão vinculados determinados grupos de parentescos ou clãs. Essa forma de religiosidade é mais comum naquelas sociedades que, anteriormente, chamamos de tradicionais.

É importante lembrar que a pesquisa empírica já demonstrou que não há uma linha evolutiva obrigatória para as religiões. Uma religião politeísta não é um resquício a ser superado. Uma religião totêmica não vai se tornar, futuramente, um monoteísmo. Portanto, sobretudo na modernidade, é muito grande a possibilidade de continuarmos a observar vários tipos de religião em plena convivência, pacífica ou não.

Por outro lado, embora as definições do fenômeno religioso sempre tragam consigo imprecisões e controvérsias, poderíamos partir da seguinte definição: *a religião é um conjunto de mitos, símbolos e ritos praticados por uma comunidade de fiéis que divide o mundo em sagrado e profano.*



(Fonte: <http://clipart.usscouts.org>).

A definição exposta pode evitar que possamos confundir religião com divindades (monoteístas ou politeístas) ou códigos morais, pois sabemos que nem todas as religiões têm uma divindade ou um conjunto de preceitos que indicam o que é certo e o que é errado. É importante enfatizar que algumas religiões, mesmo tendo as suas divindades, não acreditam que elas intervenham na história, ou seja, para tais religiões os deuses não agem para ajudar ou para prejudicar.

Atentemos para outro aspecto da definição referente à comunidade de fiéis. Isto sugere que não há religiões individuais, por mais que o processo de modernização estimule a individualidade. A questão aqui está relacionada com a obrigatoriedade da partilha de sentidos por um grupo, seja ele grande ou pequeno.

Outra questão a ser reiterada na definição acima é que observaremos sempre, no âmbito da pesquisa sobre esse fenômeno, a existência de mitos, símbolos e ritos em todas as religiões. Comentando os ritos nas sociedades arcaicas, o historiador romeno Mircea Eliade afirma que os rituais religiosos referem-se a acontecimentos míticos provocados por heróis ou seres divinos que, através de iniciações, tentam aproximar o neófito da sua cultura, por meio da repetição de ações exemplares levadas a cabo pelos seus deuses, semi-deuses ou heróis civilizadores na aurora dos tempos.

É mister citar a violência como elemento central nessas narrativas mítico-religiosas. Podemos observar que, praticamente, todas essas narrativas versam, inclusive, sobre mortes, assassinatos, mutilações etc. Os ritos tentam reproduzir esses acontecimentos através da violência mimética ritual.

A literatura sobre o tema da simbologia é tão vasta quanto complexa. Conhecimentos advindos das áreas mais diversas vêm tentando explicar as estruturas, funções e significados dos símbolos nos diversos campos da ação social.

Todo e qualquer universo religioso encontra na linguagem simbólica um meio eficaz através do qual os seus ensinamentos serão apropriados pelos membros do grupo. Diz-se, acerca dessas estruturas sim-

bólicas, que elas abrem o espírito para o desconhecido e o infinito; revelam velando e velam revelando; afetam estruturas mentais e mobilizam a totalidade do psiquismo; podem ser consideradas uma combinação de sentidos que formam ‘unidades múltiplas’, como se houvesse uma abundância de significados no mesmo significante, onde os símbolos suscitam uma experiência totalizante, tendendo a condensar numa única imagem uma experiência espiritual.

Em relação às suas funções, podemos afirmar que atuam de maneira exploratória na busca do desconhecido; funcionam também como mediadoras entre a imanência e a transcendência; atuam como unificadoras da experiência entre as dimensões interiores e exteriores dos indivíduos. Enfim, identificando-se com sua época, embora não estejam restritas a ela, se dirigem ao “homem integral” e não somente a sua inteligência.

Da definição proposta resta-nos comentar o par de oposições expresso nas categorias sagrado e profano, que se refere ao núcleo do fenômeno religioso. Faremos isso a partir das formulações do sociólogo francês Émile Durkheim e do historiador romeno Mircea Eliade.

Para o homem religioso, a necessidade de separar, no mundo, o que é sagrado do que é profano, decorre do seu convencimento de que o mundo não é homogêneo, que existe um mundo forte e significativamente ordenado – o sagrado - e outro que expressa a desordem, o caos e a falta de sentido – o profano. Por exemplo, é normal que os que crêem tenham seus tempos e espaços sagrados.

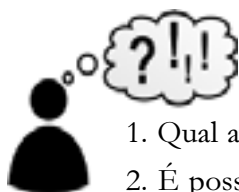
Vejamos o caso típico de um espaço sagrado – o templo religioso. Igrejas, mesquitas, sinagogas, cabanas, terreiros e várias outras expressões de espaços sagrados têm em comum, sobretudo, o fato de significarem um momento de ruptura com o espaço exterior, profano, caótico, amorfo.

Da mesma maneira, podemos exemplificar a manifestação sagrada na própria temporalidade. É o caso do calendário religioso, dos dias sagrados, das horas dedicadas ao culto das divindades. Aqui, observamos que os momentos sagrados são uma ruptura com os momentos profanos. É como se o tempo comum/

profano fosse suspenso pelo tempo incomum/sagrado. O tempo da oração, por exemplo, é um tempo exclusivo, no qual não cabem outros pensamentos ou atividades. Não podemos esquecer, ainda, que o tempo sagrado é um tempo que exige um eterno retorno, pois evoca sempre a mesma coisa.



(Fonte: <http://www.jornalprimeirapagina.com.br>).



ATIVIDADES

1. Qual a importância das religiões no mundo contemporâneo?
2. É possível à ciência o estudo das religiões?
3. Qual a relação entre mitos, ritos e símbolos no universo religioso?
4. O que você entendeu por sagrado e profano?
5. Identifique um espaço e um tempo sagrados na sua comunidade.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

1. Tente identificar as religiões que atuam no seu meio e observe suas ações.
2. Explore a idéia de que a ciência e a religião têm objetivos diferentes.
3. Lembre que o exercício da religiosidade envolve uma linguagem adequada, narrativas de ações exemplares e atitudes repetitivas que presentificam essas ações.
4. O homem religioso busca sentido, ordem, previsibilidade e segurança ontológica.
5. Observe os templos religiosos e os dias santos.

A pesar das inúmeras controvérsias, as proposições sociológicas (e de disciplinas afins) acerca do fenômeno religioso têm nos permitido conhecer melhor as manifestações religiosas como expressão de ambientes culturais diversos. Conceitos como os de rito, mito, símbolo, sincretismo, sagrado e profano são apenas uma breve iniciação a esse mundo dos estudos da religião que continuaremos na aula seguinte.

CONCLUSÃO

RESUMO



Observamos que o fenômeno religioso apresenta-se em toda e qualquer civilização humana já observada e que a sociologia procura estudá-lo, quando se trata da sua gênese, nas suas formas mais elementares, empiricamente constatáveis. Além disso, como ciência, não é do alcance da Sociologia a demonstração da existência ou não das divindades, mas as repercussões dessas crenças na estruturação da vida social dos grupos em questão. Vimos, também, que o fenômeno religioso apresenta algumas características essenciais, entre elas: a classificação do mundo entre sagrado e profano e a existência de símbolos, mitos e ritos partilhados por uma comunidade de fé.

O SAGRADO

Mircea Eliade

Na obra *O Sagrado*, Rudolf Otto esforça-se por clarificar o caráter específico dessa experiência terrífica e irracional. Descobre o *sentimento de pavor* diante do sagrado, diante desse *mysterium tremendum* dessa *majestas* que exala uma superioridade esmagadora de poder; encontra o temor religioso diante do *mysterium fascinans*, em que se expande a perfeita plenitude do ser. R. Otto designa todas essas experiências como *numinosas* (do latim *numen*, “deus”) porque elas são provocadas pela revelação de um aspecto do poder divino. O numinoso singulariza-se como qualquer coisa de *ganz andere*, radical e totalmente diferente: não se assemelha a nada de humano ou cósmico; em relação ao *ganz andere* o homem tem o sentimento de sua profunda nulidade, o sentimento de ‘não ser mais do que uma criatura’, ou seja – segundo os termos com que Abraão se dirigiu ao Senhor – de não ser ‘senão cinza e pó’.

REFERÊNCIAS

- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. Tradução de Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. Tradução: Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Tradução de Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2005